



Revista de História
ISSN: 0034-8309
revistahistoria@usp.br
Universidade de São Paulo
Brasil

Labriola Negreiros, Plínio
A cidade excludente e o clube do povo
Revista de História, núm. 163, julho-diciembre, 2010, pp. 207-242
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285022061011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



A CIDADE EXCLUDENTE E O CLUBE DO POVO*

Plínio Labriola Negreiros

Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e
professor da Escola Nossa Senhora das Graças – SP

Resumo

Este artigo relaciona dois eventos da história do Sport Club Corinthians Paulista – as suas origens como clube de bairro (1910) e a chamada invasão corintiana (1976) – com a cidade de São Paulo, espaço de exclusão das classes populares.

Palavras-chave

história do futebol • história do Corinthians • torcedor do Corinthians.



Correspondência
Escola Nossa Senhora das Graças
Rua Tabapuã, 303
04533-000 – São Paulo – SP
E-mail: plabriola7@hotmail.com

* Este artigo tem por base, em essência, as discussões presentes em dois trabalhos: NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição* – A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, São Paulo, 1992; e NEGREIROS, Plínio Labriola. A invasão corintiana: Rio, 5 de dezembro de 1976. In: As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. *Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, VIII, 2002, Ponta Grossa, PR. Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.





THE EXCLUDING CITY AND THE PEOPLE'S CLUB*

Plínio Labriola Negreiros

Ph.D. in Social History, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, and
Teacher at Escola Nossa Senhora das Graças - SP

Abstract

This article relates two events of the history of the *Sport Club Corinthians Paulista* – its origins as a district club (1910) and the so called *invasão corintiana* (1976) – with the city of São Paulo, the space of exclusion of the lower social classes.

Keywords

history of football – history of Corinthians – Corinthians supporter.

Contact
Escola Nossa Senhora das Graças
Rua Tabapuã, 303
04533-000 – São Paulo – SP
E-mail: plabriola7@hotmail.com

* This article brings in its essence the discussions present in two works: NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo- 1910-1916*. MA Dissertation . São Paulo: PUC-SP, 1992; e NEGREIROS, Plínio Labriola. *A invasão corintiana: Rio, 5 de dezembro de 1976*. In: *The social sciences and the history of physical education, sports, leisure and dance. Annals of the Brazilian Congress of the History of Physical Education, Sports, Leisure and Dance, VIII, 2002, Ponta Grossa, PR. Ponta Grossa, PR: Ponta Grossa State University, 2002*





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

Em 4 de junho de 2008, o Corinthians disputou e venceu, por 3 a 1, a primeira partida pela final da Copa do Brasil, contra o Sport Recife, em São Paulo. Um cronista da cidade e do futebol teve uma percepção especial dessa conquista parcial:

[...] como São Paulo fica uma beleza no dia seguinte aos triunfos do Corinthians, tudo funciona, o cafezinho vem quente, o ônibus não atrasa, o boy, boné para trás e na estica, tira onda dos “pleybas”, a linha de montagem se encaixa [...] sem precisar de óleo ou graxa, a vida se torna leve mesmo para os novíssimos baianos que sempre carregam a cidade e os relógios dos tempos modernos nas costas.

A moça do pastel, como são lindas as mulheres da feira, acertam no ponto, tudo sai, pelo menos nesse dia seguinte, melhor do que as receitas do Fasano e do Alex Atala juntos.[...]¹

A cidade transfigura-se. A cidade se divide entre os que fazem parte da alegre conquista e os que desejaram o insucesso das cores alvinegras. A cidade volta a cindir-se, como nas suas origens industriais.

As transformações ocorridas em São Paulo na passagem do século XIX para o XX foram marcadas por muitas contradições, principalmente porque a riqueza produzida por esse processo não gerou dividendos iguais para os moradores da cidade. A distribuição da população pelo espaço urbano foi feita de forma a beneficiar os setores elitizados que ocuparam as melhores localizações. O poder público paulistano organizava a cidade a partir dos interesses dos grandes proprietários. Para Maria Célia Paoli, predominava uma visão dual da cidade: de um lado, o Centro, a Consolação e a Paulista; de outro, os bairros operários, em especial o Brás. Separando essas duas cidades, o rio Tamanduateí. Assim,

[...] desde o fim do século passado até as primeiras cinco décadas deste, a separação simbolizada pelo Tamanduateí e pela estrada de ferro que o ladeava – a “cidade” e o “lado de lá” –, constituiu o imaginário primeiro e o mais consistente que São Paulo produziu de si mesma como cidade moderna e industrial. Esta imagem era ambígua: o fascínio pela modernidade fabril e urbana se fazia acompanhar do desgosto com um mundo invadido pela presença da condição proletária [...] Lá pelos anos 30, a orgulhosa formulação paulistana de ser o “maior parque industrial da América Latina” se fazia acompanhar de descrições lúgubres dos bairros fabris e de seus habitantes, onde as metáforas do trabalho operário aparecem como “multidões” ou “colmeias” prestes a se desordenarem porque

¹ SÁ, Xico. Coração de menino. *Folha de S.Paulo*, 6 jun 2008.





são “amontoados de trabalhadores” cansados, que vivem espremidos em suas péssimas moradias e têm estranhos hábitos [...].²

Entre esses estranhos hábitos, um marcou os bairros operários. A maior parte dos que moravam na “cidade”, ou seja, antes do rio divisor social, não compreendia como o futebol era capaz de emocionar tanto cada morador daquele bairro. Nessa cidade dividida, nasceram os chamados clubes de elite, assim como os chamados times populares. A exclusão social ganhou representação no futebol. Se um espaço urbano atualiza e perpetua a exclusão, a permanência dos clubes do povo parece garantida.

Por outro lado, no futebol contemporâneo, do qual o Brasil tornou-se um sócio menor (fornecedor de atletas a preço baixo, por exemplo), o elitismo não cessa de ocupar espaços vitais. O poder das redes de televisão e os ingressos bem caros deixam o futebol dos estádios mais distante das chamadas classes populares. As equipes de futebol e os seus departamentos de marketing olham menos para torcedores e mais para consumidores em potencial. Nessas condições, ainda se pode falar no futebol como um esporte popular? O Corinthians, pouco alheio às novas condições históricas, ainda poderá se apresentar como um “clube do povo”?

Um olhar sobre o Sport Club Corinthians Paulista (SCCP) pode ajudar a responder algumas dessas questões. Para tratar delas, deve-se ter um cuidado especial com dois momentos da história do clube: a fundação de um clube de bairro, a partir da liderança de trabalhadores imigrantes e brasileiros, dentro de uma cidade marcada pela exclusão dos setores populares e fascinada pelas novidades das práticas esportivas, em especial pelo futebol. O outro: a presença de milhares de torcedores corintianos no estádio Mário Filho (Maracanã), no Rio de Janeiro, em 5 de dezembro de 1976, na denominada, desde então, invasão do Maracanã.

São Paulo, os esportes e o futebol

O crescimento significativo da cidade de São Paulo, a partir do último quartel do século XIX, trouxe experiências novas e profundas. Tal crescimento – que esteve acoplado a um processo de destruição e posterior remodelação – não apresentou benefícios igualmente divididos por toda a sociedade. A cidade exclui, em quase todas as esferas sociais, a maior parte da população. O então recente final da escravidão gerou uma elite sedenta pela manutenção de toda sorte de privilégios.

² PAOLI, Maria Célia. São Paulo operária e suas imagens (1900-1940). *Espaço e Debates* n° 33, p. 27-28.





A cidade que crescia sem parar se tornou um espaço para a vivência de novas formas de lazer, que satisfaziam a população de um espaço urbano que, a cada dia, perdia um pouco o seu caráter provinciano. Uma forma muito difundida de lazer constituiu-se na prática esportiva, consubstanciada na formação de clubes esportivos, além da informalidade das ruas e espaços vazios.

Tem-se, dessa forma, o aparecimento de inúmeras modalidades esportivas que, após breve período de adaptação, tornaram-se moda e passaram a ser largamente apreciadas pela população, fosse praticante ou mera assistência. Terminada a febre da moda, alguns esportes caíram no esquecimento, outros se sedimentaram enquanto prática cotidiana.

Entre os muitos esportes que chegaram à cidade, um deles, definitivamente, ficaria entre nós. Vindo da “civilizadora” Inglaterra, o futebol, em poucos anos, se tornaria uma verdadeira paixão entre os paulistanos. Formaram-se os clubes preocupados com a sua prática. Criou-se uma entidade que congregaria os primeiros clubes que jogavam o futebol, além de organizar o primeiro campeonato paulista: a Liga Paulista de Futebol (LPF). Era o final de 1901; em 1902, ocorreu a disputa.

Entretanto, se o futebol já era praticado por toda a cidade, na LPF somente os clubes fundados pelas elites paulistanas terminavam participando daquilo que se convencionou chamar de “futebol oficial”. A criteriosa seleção imposta pelos clubes da LPF, presente nos seus estatutos, deixava à margem “os outros futebolis” da cidade.

Ao mesmo tempo, o jogo da bola se disseminou com muita rapidez por toda a cidade. Cada terreno plano era espaço para uma partida do “violento e emocionante esporte”, conforme expressão utilizada em seus primeiros anos entre nós. Pessoas das classes populares passaram a organizar seu próprio futebol. Formaram clubes e associações patrocinadoras de campeonatos. Ressalta-se que esse futebol, denominado informal, varzeano ou dos arrabaldes, não detinha nenhum prestígio por parte da elite paulistana e da sua imprensa.

Nos periódicos mais tradicionais, o lugar do informal era diferente do futebol das elites. As práticas esportivas das classes populares, não à toa, recebiam destaque fora da seção de esportes. A seção de alguns jornais, denominada Fatos Diversos, esboço de uma crônica policial, era o espaço destinado ao futebol dos arrabaldes. Observe-se esta notícia: “Um *ground* em polvorosa – Na várzea do Carmo, dois ‘times’ anônimos de menores desocupados se empenharam ontem às três e meia horas da tarde, num *match* de “futebol”, com entusiasmo belicoso de dois cães na disputa de um osso”.³

³ *O Estado de S. Paulo*, 14 ago 1915.





Na lide da matéria, o jornalista coloca os termos do futebol entre aspas, dizendo, de outra forma, que campo, time, jogo ou futebol são vagas lembranças do que se tinha entre as elites. Valor havia nos campos oficiais (Velódromo e Parque Antártica) e nos clubes da elite (Paulistano ou Palmeiras); jogo, apenas os do campeonato da LPF; e futebol, apenas o oficial. Por outro lado, os “menores”, que ousaram a prática do futebol num domingo à tarde, eram taxados de desocupados. A descrição e o julgamento continuavam:

Uma multidão de menores lota o *ground*, cheia de curiosidade, e de remendo nas calças, e o próprio transeunte desocupado parava para gozar do espetáculo gratuito, porque nos *matches* de “futebol” na várzea do Carmo tem sempre o que ver: não raro terminar indo o “time” vencido para o hospital e o vencedor para o xadrez. [...]

Ao começar o segundo tempo, que foi um tempo quente, o povo interviu de novo, manifestando-se furiosamente contra o juiz de linha Carlos Grumberg que não deu sinal de *off-side*, em certa ocasião em que a bola saiu do campo. O que sucedeu foi um dos *halves-back shootar* a bola para dentro do *goal* do adversário.

A assistência que não pagou ingresso e não foi convidada protestou energicamente, invadindo o campo.⁴

A prática de o público intervir num jogo, naquela época, era corriqueira, mesmo no futebol oficial. O público torcedor na várzea do Carmo apenas reproduziu o que ocorria por todos os outros campos de São Paulo. E, após a invasão do campo,

Um indivíduo de fraque e chapéu duro, com ares de chefe de família, saiu fora do sério, chegou mesmo a querer dar guarda-chuvas no juiz de linha. Este, irritado, colérico, congestionado, avançou para os invasores do *ground* e, com o pau da própria bandeira que empunhava, deu bordoadas às tantas. Daí a instantes trilhavam os apitos de socorro e a debandada começou.⁵

Apresentava-se a emoção delineando os sujeitos. Uma paixão sem controle. Ao contrário do que deveria ocorrer, ao menos na visão das elites paulistanas. Reconhecia-se a rivalidade e a disputa como valores, mas com certos limites. Não é à toa que no Velódromo, do Paulistano, junto à arquibancada, existia um cartaz com os seguintes dizeres: *É proibido vaia*r. E o relato do evento da várzea do Carmo terminava:

⁴ Id.

⁵ Id.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

Quando a polícia apareceu encontrou apenas o juiz de linha, a bola e o popular Agostinho Ergiacia, morador à rua São Caetano, nº 150. Agostinho estava ferido na perna direita e foi socorrido no gabinete médico da Polícia Central. Carlos Grumberg, o juiz de linha é alemão, tem 19 anos de idade, é impressor e reside à rua da Cantareira, nº 14.⁶

Essa partida do futebol informal terminou na polícia. Não era regra, mas era o destaque dos periódicos da época. O futebol não oficial era, ainda, pouco noticiado.

De certa forma, essa imprensa paulistana construía provas do quanto seria perniciosa a participação popular nos esportes. No futebol, especialmente, não seria saudável a presença dessa “massa popular”, dado o seu descontrole emocional e a sua falta de “educação”. Mas, os espaços oficial e socialmente designados para a prática do futebol, então, seriam desprovidos de violência e de pouca educação do paulistano comum? Alguns relatos não transmitem essa ideia. Ao contrário, revelam torcedores que envergonham as “finas” famílias paulistanas com seus comportamentos inadequados. Observe-se a participação do público:

[...] Há, porém, a acrescentar a esses dois grupos de espectadores, um outro de menores proporções, exposto por todo o recinto. É o mais terrível porque é o da crítica impiedosa, que tudo vê pela luneta do seu otimismo e está pronta a cobrir de grosserias e impropérios aqueles que não souberem agradar às predileções da sua visão [...].

A assistência mostrou-se desconsolada com o desfecho que as coisas vão tomando [...] a qualquer lance favorável para os ingleses não se contém e gritam e assobiam e operam em desmancho de [...] maneiras incompatíveis com gente de boa sociedade.⁷

Do Velódromo, espaço da elite econômica e dirigente paulistana, passando pelos inúmeros campos presentes em cada bairro da cidade e chegando aos terrenos vazios, não resta dúvida do apreço da população de São Paulo pelo futebol. As barreiras de classe, marcantes no ciclismo e no tênis, começavam a ser rompidas pelo futebol. Assim, reconhece-se que a crescente paixão e a própria dinâmica pelo jogo da bola alimentou uma progressiva rivalidade entre os clubes da LPF, além da multiplicação diária dos clubes dos arrabaldes. Esse crescimento, quantitativo e qualitativo, produziu, no futebol, transformações importantes. De um lado, parte dos “clubes de elite” não se importava mais em manter os seus times fechados só para a elite. Interessava, em essência, vencer. Essa parcela de clubes foi buscar, a partir de 1908, nos times de bairro, bons

⁶ Id.

⁷ *O Estado de S. Paulo*, 18 set 1910.





jogadores, independente das suas origens sociais.⁸ Os clubes de bairro, por sua vez, desejaram participar do futebol oficial.

Corinthians Paulista, 1910, mais um clube de bairro

Nesse contexto – associado ao clima de euforia esportiva vivido pela cidade diante da visita em agosto-setembro de 1910, do Corinthian *team*, um clube inglês de futebol –, em 1º de setembro de 1910, era fundado em São Paulo um clube para se dedicar às práticas esportivas, especialmente ao futebol. No dia 10, o nome foi escolhido: Sport Club Corinthians Paulista (SCCP). A rigor, um fato corriqueiro, pois quase todos os dias os periódicos informavam o surgimento de um novo clube. Portanto, o SCCP era mais um clube de bairro, entre um grande número dos que já existiam.

Muito embora o SCCP estivesse começando como tantos outros clubes de bairro – provavelmente com os mesmos objetivos que perpassavam todos eles – percorreu caminhos diversos, trazendo resultados significativos que contribuíram para a transformação de algumas estruturas do futebol em São Paulo. O SCCP fez parte do processo no qual ocorre a popularização do futebol em São Paulo, entendida como a possibilidade da estrutura do futebol oficial aceitar a participação de associações esportivas de origem social diversa, avaliando, principalmente, a competência esportiva. E considerando por popularização, ainda, uma maior interferência de amplos setores da sociedade na organização e direção do futebol oficial. Tratava-se da democratização das decisões. O período 1910-12 é importante para esse processo.

Aliás, em função da polissemia do termo, torna-se importante clarear o que se entende por popular. De acordo com Marilena Chauí, tendo em vista o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, o povo seria a “[...] plebe explorada, dominada e excluída”. Assim compreende plebe

[...] no sentido que o direito romano dava ao conceito de plebe: aqueles desprovidos de cidadania e que se fazem representar por meio de outros [cidadãos], encarregados de apresentar e defender direitos na cena pública. Mas também no sentido de Espinosa e de

8 FIGUEIREDO, Antônio. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1918, p. 131.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

E. P. Thompson, isto é, capaz de organizar-se, reivindicar direitos tácitos e preparar-se para penetrar no universo dos direitos políticos e culturais explícitos.⁹

Em 22 de setembro, *O Estado de S. Paulo* e o *O Comércio de São Paulo* publicaram uma nota remetida pelo clube recém-organizado, com os seguintes dados: “Sport Club Corinthians Paulista – Com esta denominação supra fundou-se, nesta capital, mais uma sociedade esportiva, com o fim de desenvolver o conhecido e apreciado esporte bretão [...]”. Cita-se, ainda, o nome dos componentes da diretoria eleita. Enfim, os periódicos que trataram da fundação do SCCP o fizeram da mesma maneira que agiam quando da fundação de outros clubes que não detinham qualquer influência política, social, cultural ou econômica.

Porém, na memória construída acerca da fundação do SCCP, encontra-se forte preocupação em mostrar a origem humilde do novo clube. Para Thomaz Mazzoni, influente cronista esportivo e memorialista do futebol brasileiro, as origens do Corinthians, de fato, encontram-se na várzea paulista. Ele afirma, em 1950, que

[...] em 1910, fundava-se um outro clube de bairro [...]. O Corinthians nasceu no Bom Retiro, então típico bairro de imigrantes italianos. [...] as reuniões preparatórias se deram num salão de barbeiro da rua dos Italianos, esquina com a rua Júlio Conceição, de propriedade de Salvador Bataglia, irmão do presidente, e ali foi lavrada a primeira ata de fundação [...]. A primeira sede provisória foi instalada na rua dos Imigrantes, 34 [...] [no] bar e confeitaria de Afonso Desidério [...] ¹⁰

Outro espaço de memória refere-se aos relatos acerca da história do SCCP feitos, geralmente, sob o patrocínio do clube. É a “literatura apaixonada”, caracterizada por ter como alvo preferencial os torcedores do próprio SCCP. Independentemente da veracidade dos fatos narrados e das análises apresentadas, observa-se uma construção que identifica o clube com alguns valores, sedimentados com o passar dos anos. Torna-se inevitável ligar o SCCP à ideia de uma associação esportiva que sempre obtém conquistas em meio a muitas dificuldades. Estas são enfatizadas no resgate do passado.

Não é tarefa fácil perceber o exato momento em que esse “espírito corintiano” passou a ser aceito pelos esportistas em geral. Nesse sentido, é importante a contribuição de E. Hobsbawm quando afirma que “muitas vezes, ‘tradições’ que perecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não

⁹ CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 21-5.

¹⁰ MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950, p. 79-80.





inventadas”.¹¹ Em uma das duas possibilidades – senão nas duas – deve estar a “literatura apaixonada” e parte da história do SCCP. Da mesma forma, afirma o historiador inglês que

o termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabelecem com enorme rapidez. [...]

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.¹²

De fato, a “literatura apaixonada” produzida acerca e pelo SCCP aproxima-se do conceito de “tradição inventada”. A constante repetição sobre as lutas e conquistas do clube confirma, em parte, essa condição. Daí, o privilégio que alguns eventos adquiriram e o clube não pode ser pensado sem que esses sejam citados e analisados. Haja vista o exemplo da fundação do SCCP, fato necessariamente presente quando se faz referência aos valores do clube.

Mas é importante pensar que essa fonte não perde sua força em função dos limites apresentados. A veracidade das informações torna-se uma questão menor; o fundamental é perceber os valores que permeiam o SCCP e o processo de apropriação da história do clube.

Observe-se, destarte, de que modo a fundação do SCCP é vista pela “literatura apaixonada”. Note-se a riqueza de detalhes e o produto romanceado. Vejamos dois desses relatos:

¹¹ HOBBSAWM Eric e RANGER Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9.

¹² Id.





Plínio Labriola **NEGREIROS**. A cidade excludente e o clube do povo

E toda vez que passavam num terreno grande, na rua José Paulino, Joaquim Ambrósio insistia na ideia.

– A gente tem que resolver logo a fundação desse time. Estamos perdendo tempo e bem podemos conseguir esse terreno ali para fazermos nosso campo. A gente procura os donos, fala com eles e tudo fica certo.

No dia 1º de setembro, finalmente, a ideia tinha dominado a todos. O grupo reuniu-se na barbearia de Salvador Bataglia e, sem muita discussão, foi eleita a primeira diretoria.¹³

No dia seguinte, estavam lá de novo. Era 1º de setembro de 1910 e os cinco sonhadores [...] se reuniram com mais oito simpatizantes e fundaram ali mesmo, sob a luz do lampião, um clube de futebol. O presidente seria Miguel Bataglia, mas ainda faltava escolher o nome.¹⁴

Nessas narrativas percebe-se a preocupação em construir a imagem de um clube formado em meio às dificuldades, inerentes aos setores populares da sociedade. Enquanto os principais clubes de São Paulo, na mesma época, eram fundados em luxuosos salões, restava ao SCCP ser organizado debaixo de um lampião de rua. E essa versão marcou tanto o clube que hoje, na sua sede, encontra-se um lampião a gás para lembrar das origens modestas de um grande clube.

Mas, de qualquer forma, não existem dúvidas de que o SCCP era um clube de bairro, não sendo, portanto, ligado aos setores privilegiados da sociedade paulistana. Por outro lado, cabe imaginar: quem eram os fundadores e primeiros sócios do clube? Parece consenso a presença de empregados da S. P. R. (São Paulo Railway).

Ao mesmo tempo, a condição popular do Corinthians, entre 1910 e 1912, mostra-se real diante da prática esportiva apenas nas várzeas paulistanas, sendo pouco citado nas seções esportivas dos periódicos. O *Correio Paulistano*, o jornal elitista, em um ano do clube só publica quatro pequenas notas.

Ainda sobre a origem social dos fundadores do SCCP, sabe-se que Miguel Bataglia (primeiro presidente do clube) era alfaiate e Alexandre Magnani (primeiro vice-presidente), motorista de praça que fazia ponto na estação da Luz. E, nesse sentido, temos o depoimento d’“o último primeiro corintiano”:

Em 1910, o aprendiz de chapeleiro Caetano de Domenico trabalhava na fábrica do tio e, no fim da tarde, batia bola com outros operários pelas ruas do Bom Retiro, mais precisamente na rua Júlio Conceição com a rua dos Italianos.

¹³ Cf. Corinthians, as maiores torcidas do Brasil. *Placar*, 1979, p. 14.

¹⁴ Cf. Corinthians, as maiores torcidas do Brasil. *Placar*, s/d, p. 10.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

[...]

Depois daquele jogo do Corinthians *team* não se falava de outra coisa no bairro, e o barbeiro Miguel Bataglia, com alguns operários da fábrica, fizeram uma lista para fundar um clube e comprar uma bola. [...]

Algumas semanas depois, o Sport Club Corinthians Paulista rumou para a Lapa a fim de realizar a sua primeira grande partida, sua primeira grande aventura:

– Nós nos reunimos no Bom Retiro às quatro horas da madrugada – lembra seu Caetano – e fomos a pé até a Lapa. Eu ajudei a carregar o saco de camisas, um saco de estopas, e cortamos caminho pela Barra Funda. [...] No final da partida todo mundo se trocou num barracão e vieram embora, sem tomar banho, sem nada.¹⁵

O depoimento de Caetano de Domenico, na época com 93 anos, apresenta operários formando o clube nos barbeiros e irmãos Miguel e Salvatore Bataglia.

Ressalte-se que dificilmente encontra-se qualquer texto em que não seja colocada a origem social dos fundadores do clube. Falar da história do SCCP só tem sentido, segundo o espírito construído conjuntamente pelo clube e pela imprensa especializada, quando são citados os humildes operários fundadores de uma sociedade esportiva. Novamente tem-se a história do clube sendo apropriada. Observem-se, nesse sentido, esses depoimentos de quem viveu os primeiros anos do clube:

Neco só ficou sabendo que era um craque muitos anos depois de abandonar o futebol. Para ele, jogar era um prazer que valia bem mais do que os 2 mil réis que pagava por mês ao Corinthians, ou do que o dinheiro que pedia à mãe e que servia para lavar as camisas do time ou pagar o bonde para os jogadores irem aos estádios [...].

Eu poderia ter ficado rico com as propostas que recebi, mas dinheiro nenhum me fazia trair o Corinthians. Não faz mal que tivesse de trabalhar como carpinteiro o dia inteiro para depois ir treinar ou jogar.¹⁶

O sr. João Morino era o cobrador do clube e lembrou, em 1952:

Faltava dinheiro para tudo. O fardamento, nós o conseguíamos com grande dificuldade num bazar da rua São Caetano. E toda a vez que havia a necessidade de reformá-lo, se fazia um rateio entre os diretores e associados. [...] em nossas dificuldades iniciais, teve o Corinthians sempre um grande amigo, Antônio Pereira. Era, como ainda o é hoje, um

¹⁵ BATAGLIA, Vital. O último primeiro corintiano. *Jornal da Tarde*. Edição de Esportes, 6 jun. 1988.

¹⁶ JAMES, Narciso e ADAUTO, Flávio. Corinthians, campeão do povo. *Folha de S.Paulo*, Suplemento especial, 18 dez 1974.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

homem modesto, simples. Entretanto, como pintor, ganhava mais que qualquer um de nós. E todas as vezes que o rateio não dava para completar o numerário suficiente para a compra, era ele quem entrava com a diferença [...].¹⁷

A fundação foi um momento que muito preocupou a memória sobre o SCCP. São amplos os relatos que se referem a esse evento e ele marca profundamente o espírito que simboliza o clube. Quase nada, porém, se conhece do período que vai da fundação, em setembro de 1910, até o ingresso na LPF, em março de 1913. Os depoimentos caminham em um mesmo sentido quando se referem a esse momento, colocando-o como de grandes dificuldades econômicas para o SCCP. Mas, paradoxalmente, nada mais se informa. São poucas as notas nos periódicos da época. No entanto, como entender o silêncio dos memorialistas do Corinthians?

O que torna esse silêncio mais intrigante é o fato de o SCCP tomar esse período de sua vida como muito importante, pois nele foi possível se perceber a fibra dos diretores, jogadores, sócios e simpatizantes na defesa do clube. E o que se observa, no âmbito das informações, são só dados genéricos e repetitivos. Diz-se apenas que o SCCP militou no futebol de várzea da cidade de São Paulo. Mas não se informam quais jogos disputou, se participou de campeonatos entre clubes de bairro, como se sustentava materialmente, entre outras coisas. Tem-se a impressão de que o período citado trata da “pré-história” do clube, que só passa a existir – para a história do futebol da cidade, e até de si mesmo – quando ingressa na entidade oficial que organizava o futebol em São Paulo. Reforça a ideia o fato de o clube só ter guardado as atas de assembleias e outros documentos após o ingresso na LPF. Inclusive, um novo estatuto foi produzido em 1913. Mesmo porque o ingresso no futebol oficial traz consigo obrigações legais.

Os poucos registros dessa época estão nos periódicos. As pequenas notas acerca do SCCP continuariam esparsas e telegráficas. Em 1911, *O Estado de S. Paulo* anunciou a realização de oito jogos do SCCP contra os seguintes clubes: União da Lapa, Argentino, Parnaíba, Cambridge, Minerva, terceiro time da A. A. das Palmeiras, A. A. Lapa e o Corinthians Football Club campineiro.

Dois desses jogos despertam o interesse. Primeiramente, aquele contra o terceiro time da A. A. das Palmeiras, associação esportiva formada por jovens oriundos das classes proprietárias de São Paulo. Se o preconceito contra os setores populares, por parte dessa elite, foi tão grande, como entender tal fato? Por que a A. A. das Palmeiras não procurou um clube de sua classe social para

¹⁷ *Corinthians*. Órgão oficial do Sport Club Corinthians Paulista. Número especial em homenagem ao 42º aniversário, ed. 35, n. 47, set 1952.





disputar uma partida de futebol? O que estava em jogo na sua escolha? O clube da rua das Palmeiras poderia ter jogado contra o Paulistano ou o São Paulo Athletic Club. Talvez seja possível deduzir que a separação entre o futebol oficial e o futebol extraoficial não fosse tão radical. O mesmo Corinthians, em abril de 1913, disputaria um jogo contra o Paulistano, ardoroso defensor de uma prática elitizada no futebol. Inclusive, em abril de 1913, é fundada a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), que nasce com o intuito de não permitir que os clubes de elite disputem campeonatos com clubes populares.

A outra partida interessante, disputada em 1911, foi contra o clube Corinthians da cidade de Campinas. Nessa partida, jogada no campo do adversário, importa notar que o SCCP já era solicitado para jogar fora da cidade de São Paulo. Entre outras significações, percebe-se que o clube recém-fundado já travava um intercâmbio com outras cidades do estado e que, portanto, era conhecido além das fronteiras da capital. Tem-se, ainda, que um clube de outra cidade se dispunha a pagar as despesas, notadamente de transporte ferroviário, para poder disputar um jogo. Assim como é significativa a existência de outro clube com o nome de Corinthians. E não é caso único, pois havia o Corinthians de Jundiaí.

Em 1912, o SCCP continuaria o intercâmbio esportivo iniciado em 1911. São sete os jogos anunciados pelo *O Estado de S. Paulo* e pelo *Correio Paulistano*. Esses jogos foram disputados com os seguintes clubes: Paulista (de Jundiaí), Botafogo, Minas Gerais (em dois jogos), Maranhão, Vila Mariana e Concórdia.

Um desses jogos chama a atenção: contra o Botafogo. Este clube, na “literatura apaixonada” e nos depoimentos dos primeiros sócios do SCCP, aparece como antecessor do próprio SCCP. Narra-se que havia no Bom Retiro um clube de futebol muito briguento chamado Botafogo. E que, em virtude de tantas brigas, o delegado de polícia da região resolveu fechar. Logo após esse fato, funda-se o SCCP, espécie de espólio do Botafogo. Mas o interessante é que a A. A. Botafogo, com campo na rua Paula Souza – próximo à estação da Luz –, continuava a existir. E o SCCP era muito ligado ao Botafogo. Tanto que os jogadores eram os mesmos. Até 1916, nota-se que os times são praticamente iguais.

Se, por um lado, os periódicos anunciavam a realização de alguns jogos do SCCP, por outro, não informam outros detalhes das partidas. Por causa disso, não se conhece nenhum resultado desses embates esportivos, ao menos através da imprensa escrita. Inclusive, não se tem garantias de que, de fato, todos esses jogos foram efetivados. O SCCP continuou a não ter espaços significativos nos periódicos que preferiam dar espaço a campeonatos internos dos clubes de elite. O clube do Bom Retiro apenas apareceu mais quatro vezes nos noticiários, entre





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

1911 e 1912, quando foram anunciados três treinos e uma assembleia geral com o intuito de se eleger uma nova diretoria.

Existe ainda um evento que marca a trajetória do clube em 1912 e que não é tratado na imprensa: a tentativa frustrada do SCCP de ingressar na LPF. Não existem maiores dados e são poucos os textos que trabalham com esse fato. Mesmo a “literatura apaixonada” pouco diz. Mas A. Figueiredo afirma: “A sua primeira tentativa de filiação à Liga Paulista na vaga do S. C. Internacional, que se havia retirado, foi frustrada, visto esse clube tornar à Liga”.¹⁸

Corinthians Paulista: resistência e rendição

Esse fato implica que o SCCP já preparava a sua entrada para o futebol oficial de São Paulo, o que certamente o obrigou a iniciar um processo de mudanças para adaptar-se a essa nova realidade. Ou seja, concessões necessárias realizadas pelo clube do Bom Retiro com o intuito de facilitar seu acesso à organização do futebol oficial.

Desse forma, dois eventos foram significativos na história do SCCP, no período compreendido entre 1913-16. Primeiramente, o ingresso do clube no futebol oficial, em março de 1913. Esse fato propiciou uma polêmica na imprensa, acerca de quem deveria ou não participar da LPF. Vale ressaltar que a imprensa reproduzia o debate travado nos meios esportivos da cidade. O outro evento desnuda o elitismo que continuava marcando o futebol oficial em São Paulo, pois, em 1915, o SCCP foi aceito na nova entidade, a Apea, mas acabou apenas cedendo seus jogadores para os clubes dessa associação, não sendo permitido seu acesso ao campeonato. De certa forma, esses eventos associaram-se ao fato de que o SCCP, a partir de um embate interno, começava a mudar seus ideais e perspectivas e não desejava mais ser um clube de bairro e, sim, da cidade. O SCCP, em 1916, já se tornara uma referência para o futebol de São Paulo.

Parece-nos que, principalmente após 1913, com a entrada do SCCP na LPF, a dinâmica do clube sofreu modificações. Novos jogadores, que não aqueles que viveram os primeiros momentos do clube, chegavam para jogar e não havia garantias de que participariam das instâncias de decisão. Ainda que seja possível perceber, através da leitura das atas das assembleias realizadas pelo clube, que os jogadores deveriam ser sócios e, portanto, participar das assembleias – mas dificilmente da diretoria. Em 1913, o SCCP recebe Américo Fiaschi, jogador nascido em 1896, em São Carlos (SP). Segundo Leopoldo Sant’Anna, esse jo-

¹⁸ FIGUEIREDO, Antônio, op. cit., p. 88.





gador começou a prática do futebol no clube União da Lapa e “[...] jogou depois em outros clubes suburbanos da Pauliceia, vindo fixar-se, em 1913, na primeira equipe do Corinthians Paulista [...]”.¹⁹

Antônio Figueiredo, em 1918, discute o crescimento do SCCP, dando algumas informações significativas, quando diz que:

O Corinthians, apesar de pobre, tem feito progressos devido aos esforços ingentes de suas diretorias, de 1914 para cá. Pode-se dividir em três fases os progressos deste clube: progresso esportivo devido ao sr. Casemiro González; progresso moral devido aos esforços do seu ex-presidente, sr. Ricardo de Oliveira, e progresso financeiro devido ao espírito ativo e econômico do sr. João Baptista Maurício [...].²⁰

Para o Corinthians ingressar na LPF foi necessário organizar uma equipe que pudesse vencer os adversários, que também almejavam a vaga colocada em disputa. Então, pergunta-se, como foi possível montar essa equipe? Segundo Antônio Figueiredo, “muito cedo começou a ganhar nome o clube, tornando-se, meses depois, o campeão dos clubes não filiados à Liga Paulista de Futebol”.²¹ Ou seja, encontra-se aqui uma informação confirmada por quase todos os textos que tratam da memória do clube: desde os primeiros jogos, o Corinthians tornou-se imbatível. E a um clube que havia se tornado invencível entre os clubes varzeanos, só restaria almejar o Velódromo. Portanto, ou o SCCP se constituiu num polo naturalmente aglutinador de bons atletas ou, de forma intencional e construída, atraiu jogadores. Ou a coexistência dessas duas condições.

Já quanto ao progresso moral atingido pelo SCCP, uma série de questões podem ser suscitadas. Tal progresso, segundo A. Figueiredo, deve ser creditado ao sr. Ricardo de Oliveira. É difícil definir o que, efetivamente, significou o progresso moral. Analisando a organização e os valores do futebol em São Paulo, pode-se concluir que, normalmente, os clubes que participavam do futebol oficial na cidade, notadamente os vinculados à Apea, consideravam que os clubes e times da população trabalhadora eram incapazes de conviver harmoniosamente no Velódromo ou em outro campo oficial. Os populares, ainda segundo tais clubes de elite, não se portariam com a “boa educação” necessária. E os clubes e dirigentes esportivos os discriminavam, apresentando fatos que, segundo eles, confirmavam suas teses: jogadores violentos que agrediam adversários fora do

¹⁹ SANT’ANNA, Leopoldo. *O football em São Paulo: notas crítico-biográficas dos principais jogadores paulistas antigos e modernos*. São Paulo: Typ. Piratininga, 1918, p. 10.

²⁰ FIGUEIREDO, Antônio, op. cit., p. 88.

²¹ Id.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

instante da disputa da bola; atletas que não eram disciplinados a aceitarem com serenidade a vitória do outro time; torcedores que gritavam palavrões e vaiavam atletas e juízes. Enfim, a participação popular trazia consigo esses males para o futebol que deveriam ser evitados.

Portanto, para os organizadores do futebol oficial e para a parcela da imprensa preocupada com esse esporte, o SCCP, antes de qualquer averiguação, seria um clube “indisciplinado”, marcado por péssimos costumes. Cabia, então, aos dirigentes do clube tentar desfazer essa imagem preconcebida. O SCCP deveria mostrar o quanto ele seria capaz de conviver com o “melhor” da sociedade paulistana. Parece que duas atitudes tiveram o intuito de mostrar a capacidade do clube em participar do futebol oficial. A primeira tratou do cuidado que o clube teve ao disputar os jogos eliminatórios para tentar o seu ingresso na LPF. E parte da imprensa paulista ficou admirada com a educação esportiva e social dos jogadores e associados do SCCP. Isso porque, nos meios esportivos, a entrada de um clube na LPF não poderia vincular-se apenas às qualidades esportivas em si:

A Diretoria da Liga nomeou uma comissão especial encarregada de dar parecer sobre o valor dos times concorrentes. O ato da Liga cuidando com interesse da substituição que quer dar ao time inglês só nos merece elogios. Parecia a nós, e assim o entendeu a Liga, que a simples prova eliminatória não será suficiente para assegurar a entrada de qualquer clube no seu seio uma vez que o *métier*, a sua prática, embora perfeita, não é completa recomendação para um *sportman*: é preciso que a par da educação esportiva esteja a educação social: aquela, sem esta, mata o esporte e desorganiza as agremiações.²²

O cronista esportivo não deixou de dar importante conselho: que o futuro ingressante fosse educado nos âmbitos esportivo e social. E foi além quando recomendou “que a comissão de sindicância pese bem a sua responsabilidade e não leve para o seio da Liga um elemento de perturbação da ordem; desigual que ele seja é dito, para, senão desorganizar a agremiação, ao menos torná-la desprezada pelo público paulistano”.²³

Quatro foram os clubes que se inscreveram para participar das eliminatórias: São Paulo Football Club (sem relação com o atual São Paulo F. C.), da Bela Vista; São Paulo Railway Football Club, da Luz; Minas Gerais Football Club, do Brás; e Sport Club Corinthians Paulista, do Bom Retiro. Feito o sorteio, os jogos que inicialmente se realizariam seriam: São Paulo F. C. contra São Paulo Railway, e SCCP contra Minas Gerais F. C. Os vencedores jogariam a partida decisiva e

²² *O Comércio de São Paulo*, 16 mar 1913.

²³ *Id.*, *ibid.*





o vencedor poderia ficar com a vaga. Isso é o que a comissão de sindicância da LPF iria decidir. Portanto, o clube vencedor não estaria automaticamente dentro da LPF. Tal comissão detinha a prerrogativa de aconselhar a não entrada de um clube, alegando alguma incompatibilidade com os estatutos da entidade. Nos estatutos da Liga havia, por exemplo, a condenação dos atletas profissionais.

Na partida decisiva das eliminatórias, entre o SCCP e o São Paulo Football Club, ocorreu a vitória do time corintiano: quatro gols a zero. Dentro da competência esportiva, o SCCP era o novo integrante da LPF. Porém, era necessário ter demonstrado um nível de “educação” compatível com as exigências apresentadas pela diretoria da LPF. Um cronista esportivo aprovou os corintianos:

Da grande concorrência que ontem afluía ao Velódromo para assistir à luta de honra que se anunciava, não se manifestou outra opinião que não a de que o conjunto dos Corinthians joga o futebol com uma segurança pouco comum e, o que é mais, pratica o esporte como verdadeiros *gentlemen*, com aquela delicadeza e lisura que tanto engrandecem e embelezam o *association* sem as *charges* violentas, sem os golpes pouco decentes que fazem do campo de jogo verdadeiro circo de touro, em que a brutalidade deste sobrepuja os *fouls* daquela, para gáudio dos apreciadores e desmoralização do esporte. [...]

[...] a mesma vontade de vencer na luta de honra os atirou à Liga Paulista, e na qual, além do valor esportivo dos combatentes, deveria figurar a recomendação social e moral de todos.²⁴

Repetiu-se, nesse jogo final, o mesmo comportamento por parte do SCCP: competência esportiva, vencendo justamente o adversário e com boas atitudes sociais, condizentes com o que a LPF e parte da imprensa esperavam.

No dia seguinte ao jogo em que o SCCP ganhou o direito de ingressar na LPF, a diretoria desta entidade se reuniu com representantes dos clubes filiados e, ouvindo o parecer favorável à entrada do SCCP feita pela comissão de sindicância, resolveu também aprovar a entrada do clube vencedor.

Torna-se necessário que se discutam quais as razões que levaram a LPF a aceitar um clube de futebol fundado e organizado em um bairro popular e sendo reconhecido como um time de operários. Não seria compatível com o que os dirigentes da LPF e dos clubes a ela filiados desejavam para o futebol de São Paulo? Como conciliar as manifestações de elite que marcavam o futebol da época com pessoas que nada tinham de intimidade com aquelas manifestações? Banquetes, ricas recepções, festas faustosas aguardariam os corintianos com tranquilidade e normalidade?

²⁴ *O Comércio de São Paulo*, 31 mar 1913.





Plínio Labriola **NEGREIROS**. A cidade excludente e o clube do povo

Impossível imaginar que a direção do futebol em São Paulo fosse monolítica. Acompanhando o debate que se trava na LPF desde 1910, observam-se muitas divergências. Os litígios são constantes. Reclama-se da competência dos juízes de futebol, da violência de alguns times e jogadores, das atitudes inconvenientes de grupos de torcedores, entre outras questões. Todos esses problemas não passavam de questões secundárias. Anatol Rosenfeld tem outra compreensão daquele momento. Para ele,

Muitas confusões da política de clubes e federações explicam-se, assim, por um tenaz conflito de classes. Em 1913, o Clube Paulistano rompeu a associação existente e fundou uma nova, na aparência de um motivo insignificante, mas na realidade porque queria fazer “uma seleção rigorosa” e “exigir que as equipes” deviam ser integradas por “jovens delicados e finos”.²⁵

Sendo assim, é possível entender que a LPF tenha aceito o SCCP partindo de algumas hipóteses. A primeira seria: se o Paulistano liderava os clubes que desejavam manter o futebol oficial elitizado, deveria existir um grupo que defendesse uma posição diferente, aceitando, com limites claros, que clubes não estritamente ligados à elite ingressassem no futebol oficial. Nesse embate, quando da discussão da entrada ou não do SCCP, venceu a ala que aceitava modificações na organização do futebol da LPF. Numa segunda hipótese, o Paulistano e seus liderados já pretendiam formar uma nova entidade organizadora dos esportes em São Paulo, sendo-lhes, portanto, indiferente barrar ou não a entrada do SCCP na LPF.

Por outro lado, a rivalidade dentro do futebol aumentava a cada dia. Esta rivalidade resultou, entre outras consequências, na necessidade que todos os clubes tiveram em reforçar seus times com jogadores cada vez melhores. Alguns clubes obtinham atletas até vindos do exterior. Outros usavam outro caminho: buscar jogadores entre os clubes de bairro. Dessa forma, A. Figueiredo analisou a questão:

As rivalidades [...] tendiam a aumentar, e a preocupação de fortalecer as equipes [...] dominava a todos. Se os métodos antigos, com que se formavam as brilhantes equipes do Athletic, do Paulistano e do Mackenzie fossem seguidos, ainda vá. Infelizmente, esses métodos tão salutares e nobres caíram em desuso.

São Paulo transformava-se, então, num vasto campo de futebol. Havia sociedades por todos os cantos [...]. E os clubes da Liga acolheram no seu seio rapazes da várzea. Fizeram bem? Ahamos muito justo que os operários e os humildes participem das refregas, mas os operários e os humildes que compreendem os seus deveres de *sportmen*. Esse, entretanto,

²⁵ ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. *Argumento*, v. 1, n. 4, fev. 1974, p. 68.





não constituía o principal critério dos aliciadores improvisados. Desta forma apareceram ao Velódromo, da noite para o dia, inúmeros *sportmen* de outras plagas e outros costumes [...]. Os antigos, fiéis aos velhos hábitos, receberam com hostilidade os seus companheiros.²⁶

Ou seja, a entrada do SCCP no futebol oficial fez parte de um processo iniciado há alguns anos, já que atletas vindos de clubes dos arrabaldes eram aceitos por alguns clubes desde 1908. O que ocorreu de novo foi a presença de um clube de bairro na LPF, o que era uma situação difícil de ser absorvida pelos clubes liderados pelo Paulistano que desejavam uma entidade apenas dos rapazes da “boa sociedade” paulista.

Nota-se que as datas que indicam o ingresso do SCCP na LPF e a saída do Paulistano, da A. A. das Palmeiras e do Mackenzie, para a fundação da Apea, são muito próximas, não sendo possível descartar que o movimento de formar uma nova entidade esportiva tenha se fortalecido com a entrada do Corinthians na LPF. Enfim, o SCCP torna-se o primeiro clube de bairro a participar do futebol oficial em São Paulo e logo nos primeiros dias, vivendo na LPF, depara-se com uma cisão. A tentativa em associar os dois fatos é grande.

Tendo conquistado o seu ingresso na LPF, o SCCP participa do campeonato paulista de 1913, obtendo uma classificação talvez aquém do esperado pelo próprio clube e pela imprensa esportiva. Nesse campeonato, ainda existia alguma preocupação, da imprensa em geral, em noticiá-lo. Entretanto, a grande sensação do meio esportivo era o campeonato da nova entidade, a Apea, que, segundo a visão da maioria dos cronistas esportivos, era o espaço dos clubes e jogadores mais competentes.

Em 1914, o SCCP torna-se campeão paulista da LPF. Mesmo ganhando o campeonato de uma entidade em decadência, o título trouxe prestígio ao clube do Bom Retiro. Acrescente-se também o fato de o SCCP ter sido o único clube paulista que ofereceu sérias resistências ao clube Torino, pois, mesmo perdendo as duas partidas amistosas disputadas com o time italiano, o Corinthians foi reconhecido como o seu mais forte adversário em São Paulo.

Admitido na Liga em 1913, campeão em 1914, o SCCP já era um clube que detinha o prestígio junto ao meio esportivo de São Paulo. Passa a ser citado com maior frequência nos jornais e tratado com relativa deferência. Assim, a imprensa informava que o SCCP, no início de 1915, quando se iniciava mais uma tentativa de unificar as entidades do futebol, percebeu que a LPF não desejava a unificação e que estava criando uma série de obstáculos intransponíveis. O

²⁶ FIGUEIREDO, Antônio, op. cit., p. 131.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

SCCP, dizendo-se defensor intransigente da unificação das entidades, se retira da LPF e pede filiação à Apea que, em sua opinião, efetivamente estava interessada na pacificação do futebol paulista. A Apea atende ao pedido corintiano e aceita a sua filiação, porém, com uma ressalva: o SCCP seria filiado em caráter extraordinário, isto significando que o clube não poderia participar do conselho deliberativo da entidade, nem do campeonato de 1915, que já havia começado.

Ao mesmo tempo em que acolhe o SCCP, a Apea apressa-se em criar mecanismos estatutários que impediam um clube filiado a ela de jogar com outro não filiado e um jogador de um clube filiado à Apea de jogar, mesmo que por algum tempo, por um clube ligado à LPF. Enfim, os jogadores do SCCP que não disputassem o campeonato de 1915 só poderiam escolher para jogar algum clube filiado à Apea.

Uma indagação se faz necessária: como um clube de bairro poderia se manter vivo sem disputar um campeonato, o que lhe traria pelo menos dois prejuízos, o financeiro e o moral? Financeiramente porque ficaria sem as rendas dos jogos, e moral, o entusiasmo, sendo que no jogo, o que vale é a disputa com um certo valor. Quanto maior esse valor, maior a emoção e o entusiasmo por parte do público e dos jogadores.

Não sendo possível resolver todos os problemas advindos da tal filiação em “caráter extraordinário”, coube à Apea amainá-los. Ficou prometido ao SCCP que ele iria jogar de forma sistemática com todos os clubes filiados à Apea. Esses jogos eram de fato marcados, porém o clube tinha a surpresa de vê-los adiados. Note-se:

Velódromo Paulista – Corinthians Paulista versus A. A. Mackenzie – Como a maioria dos jogadores da A. A. Mackenzie se acham fora da capital, o *match* de futebol que devia se realizar hoje, no Velódromo Paulista, entre aquela associação e o S. C. Corinthians, ficou adiado para o dia 21 de agosto próximo.²⁷

Sabe-se que o prometido jogo não se realizou. Assim, nota-se que o SCCP sofria da indiferença das outras associações esportivas vinculadas à Apea.

Através da seção Sport de um periódico, uma das intervenções do sr. A. L. Guimarães ajuda a compreender o momento tratado:

Com referência, entretanto, ao Corinthians, não acontece o mesmo. Um clube composto por modestíssimos rapazes, na sua maioria operários, não tem influências a seu favor, que exijam ser ele reconhecido como o time de maior valor esportivo da atualidade. [...]

²⁷ *O Comércio de São Paulo*, 3 jul 1915.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

O que mais revolta, sr. redator, nessa perseguição, é a certeza absoluta que têm os perseguidos, de que esse *club* está completamente indefeso, porque não possui em seu seio homens cuja influência política fale mais alto que os méritos de seu estupendo time. [...]

Qualquer meninote, desses apaixonados sinceros do futebol e que jogam no meio da rua, sabe que clube algum nacional nestes últimos anos conseguiu bater o Corinthians, seja ele de que Liga for.²⁸

As observações do leitor merecem uma única correção: o clube nascido no Bom Retiro também tinha os seus defensores. Tanto que o SCCP “possui um bom campo de futebol, com 120 x 80 jardas, construído em excelente terreno da municipalidade, arrendado em condições favoráveis; fica situado na Chácara da Floresta, Ponte Grande, pegado ao campo da A. A. das Palmeiras. Tal concessão deve o clube a muita dedicação de seu presidente honorário, dr. Alcântara Machado”.²⁹

De qualquer forma, o SCCP teve sérios prejuízos por não participar do campeonato da Apea de 1915. A crise econômica que afetou o clube motivou crises políticas também sérias. Cada vez mais se tornavam claras as diversas posturas no encaminhamento das questões do clube. Alguns associados acusavam a diretoria de ser a responsável por aquela difícil situação. Talvez a própria sobrevivência do clube estivesse correndo perigo. A forma mais efetiva encontrada pelos diretores do SCCP para vencer a falta de dinheiro foi excursionar, durante o ano de 1915, pelo interior paulista.

E graças a um desses jogos no interior, ainda que realizado no ano anterior, uma esclarecedora polêmica foi criada dentro do clube. O SCCP foi convidado para jogar em Campinas e o clube de lá forneceu passagens de primeira classe para o time da capital. Um sócio do SCCP, indignado, discordou da atitude do presidente que fez tal exigência ao clube campineiro. Aqui está parte dessa discussão:

[...] pede novamente a palavra o sr. Anselmo para falar sobre o caso suscitado no jogo [Ponte Preta – Corinthians]. Diz que o procedimento do sr. Ricardo foi incorreto, porquanto soube ele de fonte séria que a Ponte Preta não ofereceu passagem de primeira classe para a condução dos times e sim de segunda classe. Pondera que o sr. Ricardo não podia exigir esse luxo inútil (sic) sabendo que o clube campineiro é modesto. Tal assunto provoca calorosa discussão; o sr. Magnani diz que o Corinthians, visto a posição atual, não pode e não deve viajar nas condições que o sr. Anselmo deseja.³⁰

²⁸ *O Comércio de São Paulo*, 7 ago 1915.

²⁹ FIGUEIREDO, Antônio, op. cit., p. 90.

³⁰ SCCP. *Ata da Assembleia Geral Extraordinária do SCCP*, de 20 out 1914.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

O clube, que foi fundado no Bom Retiro, mas que já não queria vínculos com o bairro, desejava ser tratado com uma deferência especial. A contada e recontada história do primeiro jogo do clube, em que os jogadores caminharam a pé até a Lapa, trocando-se num barracão e voltando ao Bom Retiro sem banho, fazia parte do passado e, naquele momento, deveria ser esquecida? Mas, quando esse passado volta a ser lembrado e cultuado? É difícil saber.

E o suceder de partidas no interior não foi capaz de equilibrar as finanças do clube. De fato, 1915 foi um ano difícil e decisivo na vida do SCCP. Numa assembleia geral, não faltaram discussões, brigas, polêmicas. Ficava cada vez mais claro que havia posturas diversas na forma de encaminhar os destinos do clube. O ponto mais sério tratado foi a grave situação financeira. Este fragmento da ata de assembleia aponta isso:

O sr. A. Galliano pede a palavra e ao mesmo tempo permissão ao sr. presidente para falar sobre a data de 1º de setembro: o qual começa dizendo que, justamente no dia em que o Corinthians completava o seu quinto aniversário, os sócios se achavam reunidos por acaso, não tendo a diretoria preparado festejos em vista do estado financeiro do clube [...].³¹

A existência de dívidas obrigou a diretoria a pedir um empréstimo para saldá-las. Mas o fato de os móveis do clube estarem relacionados como garantia do empréstimo deixou muitos sócios revoltados. O associado Antônio Marques analisou dessa forma a crise econômica:

O sr. Marques diz que, quando o clube tinha a sua sede no Bom Retiro, ocupava uma sala modesta e não tinha precisão de fazer gastos inúteis; assim, reprova o ato da diretoria em transferir a sede daquele bairro, daquele modesto lugar, transportando-a para ponto mais aristocrático, mais luxuoso, só para encrencar o clube com dívidas.³²

A mudança da sede prejudicou as finanças do clube, mas não foi o único fator. Porém, na explanação do sr. Antônio Marques, é possível observar o quanto um grupo de associados discordou da postura da diretoria que transferiu a sede do SCCP.

Essa assembleia tão conturbada, realizada no dia do quinto aniversário do clube, ainda teria surpresas. Após os associados aprovarem uma proposta de que a dívida só seria paga pelo clube se uma comissão julgasse que tal empréstimo fora feito em benefício do SCCP, caso contrário, os diretores deveriam se responsabilizar, outra polêmica vem à tona. Alguns sócios acusam os diretores

³¹ Id., de 1 set 1915.

³² Id., *ibid.*





de utilizarem o dinheiro da associação em benefício próprio. Aí, sim, a crise se instaura, como se observa a seguir:

[...] o sr. Ricardo de Oliveira diz que em vista de ser considerado, por alguns sócios, larápio do clube, pede perante a Assembleia a sua demissão de presidente, no que é acompanhado por todos os diretores em sinal de protesto. Em vista do exposto pelo sr. R. de Oliveira, a Assembleia aceita o seu pedido, rejeitando os dos demais diretores.³³

O sr. J. B. Maurício assume a presidência do clube, por ser o vice-presidente. Inclusive era ele quem havia emprestado dinheiro para o SCCP e, em momento algum da nervosa assembleia, se colocara. Não defendeu e nem atacou o presidente demissionário.

Como a situação de ostracismo vivido pelo clube do Bom Retiro dentro da Apea foi causa imediata de parte significativa dos problemas de 1915, algumas mudanças se fizeram necessárias. Se o SCCP, no início de 1915, havia saído da LPF em direção à Apea, agora, no início de 1916, fazia o caminho de volta. Portanto, dadas as condições em que o SCCP foi tratado na Apea, não lhe restou alternativa a não ser voltar à LPF que já apresentava fortes sinais de decadência, sendo 1916 o seu último ano de existência. Nesse mesmo ano, o SCCP ganha novamente o campeonato paulista.

Assim, a trajetória do SCCP, de 1913 a 1916, foi significativa para importantes transformações no próprio clube e na organização do futebol em São Paulo. Mais do que isso: existiu uma interação entre o que ocorreu no futebol oficial em São Paulo e o SCCP. Como se observou, as posturas corintianas tomadas frente às entidades esportivas resultaram em sérios conflitos dentro do clube.

A entrada do Corinthians para a LPF, e posteriormente para a Apea, contribuiu para modificações práticas do esporte bretão. Quebrou-se a discriminação que impedia que clubes de bairro praticassem o futebol ao nível oficial. Ao mesmo tempo, o SCCP, a partir de sua entrada na LPF, vai, aos poucos e com passos firmes, deixando de ser um clube de bairro para ser um clube de cidade. Essa nova condição do clube não foi concretizada sem que ocorressem conflitos e crises agudas. Por outro lado, o fato de o clube ser mais da cidade do que do bairro conflitou com a sua autodefinição de associação esportiva de gente humilde e sem proteção de pessoas influentes, principalmente no âmbito político.

Evidentemente, não se explica todo o processo de relativo acesso da população paulistana ao futebol oficial pela experiência corintiana. Mesmo com a

³³ Id., *ibid.*





percepção de que teve papel importante, essa mesma experiência foi caracterizada por contradições. Inicialmente, tem-se o próprio acesso do clube à LPF, procurando ser “educado esportiva e socialmente” a fim de atender os anseios dos defensores de uma rígida ordem, tanto no futebol quanto na sociedade. Da mesma forma, a saída do clube da LPF e seu ingresso na Apea mostraram sua forte preocupação de estar do lado da entidade formada pelas pessoas influentes. Era a entidade, segundo imaginava a direção do clube, que teria a hegemonia do futebol de São Paulo. Maltratado e desprezado na Apea, não vacila em retornar à velha LPF, mesmo após desmerecê-la um ano antes.

Enfim, o ingresso do SCCP nas associações organizadoras do futebol em São Paulo pode ser considerado tanto uma conquista do clube, por causa da sua competência esportiva, quanto uma concessão dos organizadores do futebol, interessados em controlar esse esporte por todos os espaços. De fato, há um Corinthians até 1913 e outro após a sua entrada na LPF. Mas algumas características do clube permanecem.

Da mesma forma que o Corinthians transforma-se ao travar contatos com o futebol oficial, este mesmo contato vai acelerar um processo de transformações das estruturas do futebol. Acoplado a outros eventos importantes, vê-se em São Paulo o fim da hegemonia elitista no futebol oficial e uma relativa popularização, já que, apesar das novas personagens, a direção do futebol paulistano continuou nas mãos de uma minoria.

A ocupação corintiana – Rio, 5 de dezembro de 1976

Se as origens do Corinthians revelam uma ligação com as classes sujeitas a alguma forma de exclusão, seis décadas depois, esses vínculos se reapresentaram ao menos em parte. Um fenômeno social marcou a experiência do futebol brasileiro e, especialmente, do SCCP.

Entre os torcedores de futebol há uma cultura: a construção de memórias sobre grandes conquistas, sejam títulos ou partidas emocionantes como, por exemplo, a inesquecível vitória no último minuto. Assim, o prazer do torcedor encontra-se no sucesso de sua equipe.

Na história do SCCP – assim como ocorre com outros times –, há eventos nos quais os torcedores se apresentam como personagens tão importantes quanto a equipe de jogadores. Trata-se da existência autônoma da torcida. A torcida cria uma história tão fascinante quanto a do clube. A torcida do SCCP permite isso.

Nesse sentido, é possível olhar para um importante evento da história do futebol brasileiro, senão mundial. Um evento tramado ao futebol e aos seus tor-





cedores, amarrado a um contexto histórico especial: uma multidão de torcedores, principalmente de São Paulo, fez do Rio de Janeiro uma cidade “ocupada”: foi a invasão corintiana. Milhares de torcedores sem uma conquista de título importante há 22 anos, injetados numa cidade cada vez mais desumanizada, inserida em um contexto de regime autoritário que, apesar dos ensaios de volta à democracia, continuava a aplicar o AI-5. Desse caldo, São Paulo, senão o Brasil, torce pelo seu próprio sucesso através das cores alvinegras do SCCP. No Rio de Janeiro, torcem e ajudam o SCCP a vencer o Fluminense.

22 anos sem títulos

O fenômeno corintiano de dezembro de 1976 exige do pesquisador um olhar atento sobre a história do clube e da sua torcida, em especial da década anterior à invasão. Para os corintianos, o ano de 1968 é muito especial: no mês de março, houve uma grande festa pela “quebra do tabu” contra o Santos. Desde 1957, o Corinthians não vencia a equipe de Pelé pelo Campeonato Paulista. Sem um título importante desde 1954, era fundamental acabar com aquele tabu. Em 6 de março, numa quarta-feira à noite, com o placar de 2 a 0, o SCCP quebrou o tabu que tanto o incomodava. Na noite quente de verão, ocorreu muita festa entre os corintianos; festa de campeão.

Em 1969, aconteceu uma tragédia: dois jogadores titulares morreram em um acidente de automóvel. “Cerca de 30 mil pessoas – operários com suas marmittas, moças, senhoras, rapazes, homens de negócios, velhos torcedores [...] em peregrinação pela ala central do Parque São Jorge, para ver os corpos inertes de Lidu e Eduardo”.³⁴ O time, que ia bem no Campeonato Paulista até o evento, perde fôlego e mais uma vez acaba sem o título. Além de outra tristeza: o SCCP quase venceu a Taça de Prata. Mais um ano sem título.

Em 1971, o clube do Parque São Jorge conquistou um título menor: o Torneio do Povo que reunia as equipes mais populares do país. Novos fracassos nas disputas mais importantes. Porém, uma única partida talvez tenha mantido a alegria corintiana naquele sombrio 1971: Corinthians 4 a 3, contra o arquirrival Palmeiras. E de virada.

No ano seguinte, outra emoção, mas que não resultou em título: o time quase chegou à final do Campeonato Brasileiro. Bastava o empate, mas nem isso foi possível: derrota para o Botafogo no Maracanã, 2 a 1, e mais um título perdido.

³⁴ GONDIM, Nailson. *Corinthians – Paixão do povo*. São Paulo: Global, 1976, p. 40.





Plínio Labriola **NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo**

Dias antes, uma partida especial: vitória de 1 a 0 contra o Ceará, com um gol bem diferente no último minuto da peleja.

Emoções fortes estavam reservadas para 1974: quase veio o título de campeão paulista. Depois de se tornar campeão do primeiro turno – o que dava o direito de disputar a final do campeonato com o campeão do segundo turno –, o SCCP perdeu a decisão final para o arquirrival Palmeiras “[...] e a saída do estádio mais parecia um macabro cortejo fúnebre. O silêncio só era cortado pelo som abafado, surdo, impressionante de 200 mil solas de sapato arrastando pelo chão”.³⁵

O mais importante jogador do clube foi responsabilizado pela derrota e praticamente expulso do clube que defendeu por 10 anos. Com a saída de Roberto Rivellino, o time passou por uma grande reformulação e 1975 teve a marca do fracasso.

No primeiro semestre de 1976, a reprodução do ano anterior: o time não foi bem no campeonato regional. Mesmo sem grandes oponentes, outra péssima colocação. Completava 22 anos sem ganhar um título importante. Além do fracasso, uma torcida cada vez mais impaciente que ia a equipe, chegando a pedir a saída do presidente Vicente Matheus.

Essa crise encorpou e teve desdobramentos, como mais protestos dos torcedores e a troca de técnico. Para o segundo semestre, no qual o Campeonato Brasileiro seria disputado, haveria um técnico novo – Duque –, que começou a trabalhar ainda no Campeonato Paulista.

Campeonato Nacional de 1976

A participação corintiana no Brasileiro de 1976 apontava para a repetição de outros momentos: inícios bons, mas com resultados finais frágeis. Além disso, tratava-se de um campeonato marcado pela confusão e complexidade no regulamento, fato comum nos campeonatos de então.

Após longos meses de disputa, o SCCP chegava à terceira fase, na qual participou do grupo Q, composto por nove equipes, em que todos jogariam contra todos, com os dois primeiros colocados classificados para as semifinais do torneio.

Com os fracos resultados iniciais, a necessidade de vitórias nas cinco partidas restantes para chegar às semifinais se impunha. Sempre com a marca da forte emoção e uma grande participação da torcida, foram cinco vitórias: Botafogo (RP), 2 a 1; Caxias, 4 a 1; Ponte Preta, 2 a 0, Internacional, 2 a 1 e Santa Cruz, 2 a 1.

³⁵ KFOURI, Juca. *A emoção Corinthians*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 20.





Dessas partidas, mais do que o time, a torcida aparecia como personagem fundamental, daí os depoimentos, respectivos, do técnico Armando Renganeschi e do goleiro da Ponte:

– A verdade é que o nosso time ficou impressionado com esta torcida, com tanta gritaria. Ninguém sabia mais o que fazer em campo. Mas isso é normal em uma equipe nova como a nossa.

[...]

– Não dava nem para a gente se concentrar direito. A torcida ganhou o jogo para o Corinthians. Não fui culpado em nenhum dos dois gols, tenho certeza disso. Mas só mesmo o Corinthians poderia fazer dois gols destes em mim.³⁶

Além disso, aparecia um outro tipo de torcedor, diferente dos que acompanhavam o SCCP em todos os seus momentos, e que sofriam com as decepções geradas pelo time. No gramado, o governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins. Assim, ao receber os cumprimentos do governador, o atleta Neca observou:

– Puxa, esse cara é o governador? Eu nem sabia. Também, ninguém me avisou, oras.

E enquanto o governador cumprimentava todos os jogadores, um por um, a festa continuava no vestiário do Corinthians.³⁷

Com a classificação, a imprensa insistia em repercutir a força, o tamanho e a paixão da torcida do SCCP, colocando-a capaz das maiores façanhas, como a de quebrar recordes de renda e público. Capaz dos mais fantásticos atos de amor e relacionando essa dedicação ao fato do clube, há muito, não conquistar um título importante à condição de ser um “clube do povo”. E muitas lembranças para o apelido da torcida: Fiel.

Nesse sentido, dois periódicos de São Paulo dedicaram esforços dobrados para acompanhar os torcedores corintianos na viagem ao Recife para o jogo contra o Santa Cruz. O *Jornal da Tarde*, no seu caderno especial de esportes publicado sempre às segundas-feiras, apresentava uma grande reportagem: “2.830 km corintianos – Foram 49 horas de uma viagem emocionante, a mais longa excursão de uma torcida de futebol (O texto é do repórter Marco Antonio Rodrigues que acompanhou e viveu as apreensões, tristezas e alegrias desses fiéis torcedores).³⁸

³⁶ *Jornal da Tarde*, 19 nov 1976.

³⁷ Id.

³⁸ *Jornal da Tarde*, 29 nov 1976. Os jornalistas acompanharam a caravana da torcida organizada do Corinthians Camisa 12.





Plínio Labriola **NEGREIROS**. *A cidade excludente e o clube do povo*

A *Folha de S. Paulo* acompanhou a caravana da Gaviões da Fiel e também fez uma longa matéria.³⁹

A viagem dos torcedores para ver a equipe chegar às semifinais de 1976, narrada pela imprensa como uma epopeia, teve como um das decorrências a enorme presença de corintianos no Rio de Janeiro. Talvez as personagens desse processo não tivessem uma ideia exata da forte presença de torcedores de São Paulo em apoio ao time alvinegro, nem que essa caravana tomasse o sentido de unir os paulistas em uma guerra menos contra os cariocas e o Fluminense e mais a favor do Corinthians. É como se, depois de algumas décadas, São Paulo voltasse a se unir. Havia sido assim em 1932, na luta contra Vargas. Aliás, como se verá, a imprensa voltou a ter um papel preponderante.

A ocupação do Rio ou invasão corintiana

Cinco de dezembro de 1976: para os corintianos essa data está na memória menos pela vitória esportiva e mais pela forte presença de torcedores do clube paulista em terras cariocas: é o que ficou conhecido por invasão⁴⁰ do Maracanã ou invasão corintiana, evento que se coloca no delicado limiar entre memória e história.

Trata-se de um imenso deslocamento de torcedores, basicamente entre as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Possivelmente 70 mil corintianos assistem, no Maracanã, a peleja entre Fluminense e SCCP, pela semifinal do Brasileiro, com público de 146 mil pessoas. No futebol do Brasil, não se conhece outro evento esportivo com tamanho deslocamento humano.⁴¹ Também no futebol mundial, ao menos em termos absolutos, não foi registrado um evento desse tamanho.

Enquanto os torcedores do SCCP que foram ao Recife de ônibus começavam a chegar a São Paulo depois de uma longa e custosa viagem, os corintianos da cidade, do estado e de inúmeras regiões do país já organizavam a viagem para o Rio, com a imprensa alimentando o clima de euforia.

[...] Departamento de Jornalismo da Jovem Pan acompanhará, minuto a minuto, o movimento corintiano para a hora do grito final, para a explosão que São Paulo espera ouvir desde 1955. [...] Durante esta semana, em toda nossa programação [...] estaremos contando

³⁹ Corinthians! Em 90 minutos. *Folha de S. Paulo*, 29 nov 1976.

⁴⁰ Desde o início da semana do jogo, a expressão invasão passou a ser usada em São Paulo e no Rio.

⁴¹ Mas há exemplos de outros grandes deslocamentos de torcedores. Em 1951, ocorreu a Copa Rio, com a participação de um clube paulista, o Palmeiras. Na partida decisiva contra a equipe da Juventus (IT), há um grande deslocamento de torcedores paulistas para o Rio: talvez 40 mil.





a história da Religião Corinthians. Uma religião que os historiadores já estão registrando em suas pesquisas.⁴²

É interessante como a rádio Jovem Pan prometeu dedicar toda a sua programação daquela semana para o SCCP, assim como vinculou todos os paulistanos ao “projeto Corinthians”. A imprensa contribuiu para que não apenas os corinthianos desejassem a explosão por uma vitória esperada há muito tempo. A imprensa radiofônica prometia que a cidade respiraria apenas Corinthians. Foi o que ocorreu.

Os paulistas estão chegando

O fascínio demonstrado pela imprensa paulista associava-se à perplexidade dos cariocas. O que seria a invasão? O que era a torcida do Corinthians? Mas paulista sabia fazer festa? Eram indagações recorrentes que apareciam na imprensa carioca, interessada em compreender o que se desenhava.

Apesar da ponte aérea, paulistanos e cariocas tinham, aparentemente, universos distantes. Ainda era forte a ideia da descontração carioca por causa das praias e da cidade como um todo e São Paulo como um espaço essencialmente relacionado ao trabalho. Paulista trabalha, carioca desfruta dos prazeres da vida.

Assim, quando as notícias sobre as movimentações da torcida do SCCP começam a chegar ao Rio, as primeiras impressões começam a ser delineadas. Tratava-se de uma dupla descoberta: paulistas conhecendo os cariocas e vice-versa. E a consciência de uma grande presença corintiana no Rio apareceu veloz nas páginas dos jornais cariocas: “O chefe da torcida, Tantã, afirma que a previsão inclui a ida de 500 ônibus e 20 aviões fretados, além de automóveis e caminhões, somando um total de 50 mil pessoas.”⁴³ Ao mesmo tempo, a imprensa duvidava que tanta gente de fato viria: “[esse número] se choca com a realidade, pois seriam necessários 1 mil 500 ônibus, além de outros meios de transporte, para transportar os 50 mil torcedores.”⁴⁴

E São Paulo deixava de ser a cidade do trabalho, pois “algumas das grandes indústrias de São Paulo estão dispostas a liberar do trabalho de segunda-feira os operários que forem assistir ao jogo; muitas delas contrataram ônibus para levar seus empregados ao Rio.”⁴⁵

⁴² Jornal da Jovem Pan. *Jornal da Tarde*, 30 nov 1976.

⁴³ *Jornal do Brasil*, 30 nov 1976.

⁴⁴ Id.

⁴⁵ *Jornal do Brasil*, 2 dez 1976.





Mas o clima de euforia criado pela imprensa era quebrado por um artigo do jornalista José Nêumanne Pinto que, de forma crítica e ácida, apresentou e analisou o fenômeno Corinthians. A tese do jornalista era relativamente simples: a torcida do SCCP era ressentida pelos anos sem títulos e, por conta de uma conjuntura favorável, a imprensa de São Paulo⁴⁶ adotou o Corinthians como mais uma mercadoria. Afirma, assim, que “durante toda a semana, a rádio Jovem Pan de São Paulo inseriu em sua programação um *jingle* em que se ouve o hino do Corinthians”.⁴⁷ E foi além:

revistas como a *IstoÉ*, que ordinariamente mantém o futebol ausente de sua linha editorial, já se convenceram de que o carnaval há tantos anos reprimido pela massa corintiana é uma oportunidade sem precedentes pela conquista do público leitor.⁴⁸

Independente do papel exercido pela imprensa, porém, esta soube captar esse momento tão diferente:

A invasão do Rio por torcedores do Corinthians começou na quinta-feira e, ontem pela manhã, eles tomaram conta da avenida Atlântica, tumultuando o trânsito com carros e enormes bandeiras, provocando os torcedores dos times do Rio, dizendo que “os cariocas verão a partir de hoje (ontem) o que é uma torcida organizada”.

[...]

Os carros com placas de São Paulo superavam em animação os cariocas, que passivamente assistiam à festa dos paulistas. [...]

Os grupos, que desde cedo tumultuavam o trânsito da avenida Atlântica, pertenciam à Patota do Timão, Gavião [sic] da Fiel, Torcida Jovem [sic] e Camisa 12, e às 12 horas, a cor branca dos paulistas já começava a ganhar uma tonalidade rosada. Um carioca gritou, irônico: “voltem para São Paulo que pode parar sem o trabalho de vocês, e não atrapalhem o nosso banho de mar”.⁴⁹

⁴⁶ O papel decisivo da imprensa para o aumento da euforia dos corintianos pode ser comparado – observando-se todas as limitações óbvias impostas pelo tempo, pelo espaço, pela conjuntura política e pela abrangência – com a participação da imprensa de São Paulo na denominada Revolução de 1932. Para a historiadora Maria Helena Capelato, 1932 foi um movimento dominado pelas elites paulistas na defesa dos seus interesses. Assim, havia a necessidade de envolver toda a população paulista em uma luta contra o governo provisório que estava nas mãos de Getúlio Vargas. E para obter sucesso na manipulação popular, a imprensa – através dos jornais e das rádios – teve um papel central. Sobre isso, ver CAPELATO, Maria Helena. 1932 – Um movimento conservador. *Folha de S.Paulo*, Folhetim n° 279, 23 mai. 1982, p. 6-7.

⁴⁷ PINTO, José Nêumanne. A publicidade comanda a paixão corinthiana. *Jornal do Brasil*, 3 dez 1976.

⁴⁸ Id.

⁴⁹ Primeiro tempo do jogo foi no calçadão da av. Atlântica. *Jornal do Brasil*, 5 dez 1976.





Percebe-se, de maneira irônica, a apresentação e o reforço dos estereótipos: São Paulo é o lugar do trabalho e quase exclusivamente só deste; e, é claro, trabalho liga-se imediatamente a sofrimento, a castigo. Já o Rio é o lugar do prazer, da praia, enfim, uma clara contraposição ao trabalho paulista. A ironia do carioca revela a necessidade de que cada uma das personagens daquele encontro da praia fosse em busca do seu destino: trabalho e praia; sofrimento e prazer. Aquele encontro não era possível: o carioca estava sendo atrapalhado no seu momento de prazer. Era o encontro entre desconhecidos.

E se a presença da massa de torcedores corintianos assustava parte dos cariocas – como também os deixavam perplexos –, também as notícias que continuavam a chegar de São Paulo surpreendiam. O título de uma dessas matérias era sugestivo, “Corintiano só trabalha na 3ª-feira”, e permitia dimensionar o clima na cidade:

O jogo desta tarde foi o assunto do qual praticamente ninguém escapou na capital paulista. Nas ruas, centenas de vendedores exibiam gigantescas bandeiras do Corinthians, pessoas andavam aos berros “Corinthians! Corinthians!”, e os torcedores advertiam: “Os corintianos não vão trabalhar na segunda-feira. Só na terça. Af, depois da vitória, a produção vai ser dobrada”.⁵⁰

Uma humorada crônica, “Os invasores”, ocupou a primeira página do suplemento Caderno B do *Jornal do Brasil*:

Atenção. Atenção. Interrompemos nossa novela Credicarmandaia para informar em edição extraordinária que a cidade está sendo invadida. As primeiras notícias dão conta de que os invasores avançam pela avenida Brasil. As autoridades pedem calma à população. Ainda não foi possível identificá-los, mas há suspeitas de que sejam índios ou seres extraterrenos ou torcedores do Corinthians.

(...)

– São seres extraterrenos?

– Antes fosse. A invasão, meu caro, é de *curintianos*.

– Não muda muito. *Pra* mim, os *curintianos* são seres extraterrenos.

– De qualquer maneira, Juvenal, proteja-se. Eles estão vindo em hordas sucessivas. São 60 mil.

– Sessenta mil? E o que eles vêm fazer aqui? Tomar o poder?⁵¹

⁵⁰ Id.

⁵¹ NOVAES, Carlos Eduardo. Os invasores. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 5 dez 1976.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

Depois de uma semana de muita expectativa, veio o jogo. Parte das previsões se cumpriram. Talvez, se não fosse pela maciça presença da torcida corintiana pelas terras cariocas, a partida não chamaria tanto a atenção. O jogo decisivo ficou, em grande parte, comprometido pelas fortes chuvas que caíram no Rio. Depois de um empate por um gol, a decisão por pênaltis trouxe mais emoção à disputa, mas, de fato, não foi uma grande partida de futebol. Valeu, dessa maneira, mais pela presença dos torcedores.

Os jornais de segunda-feira foram invadidos: cada seção dos jornais, esportiva ou não, falava menos do jogo e mais dos corintianos. O Rio sentiu a invasão: como nos periódicos de São Paulo, os corintianos saíram das páginas esportivas e migraram para todas as outras seções.

Os 50 mil corintianos que vieram ao Rio prestigiar seu time proporcionaram um clima de festa, não só na hora do jogo, como antes, pela cidade, quando se viam centenas de bandeiras pretas e brancas desfraldadas, milhares de faixas e gritos em coro: “Corinthians, Corinthians”. A entrada da torcida paulista no Maracanã foi um espetáculo que suplantou até mesmo a partida.⁵²

Nunca o Rio de Janeiro assistiu a algo semelhante do que ocorreu no último fim de semana, quando foi tomado pela torcida corintiana, uma gente alegre capaz de mudar o rosto de uma cidade por causa de uma partida de futebol.

Vieram de carro, de ônibus e até de bicicleta. Carregaram famílias, grandes bandeiras e toda a alegria de suas buzinas tão triunfantes na noite de sábado quanto na vitória de domingo.

(...)

É provável que graças ao Maracanã se acabe de vez um preconceito pouco inteligente e característico das personalidades vulgares sempre dispostas a fazer comparações do bem e do mal viver entre o Rio e São Paulo.⁵³

Para alguns analistas, mais do que unir “dois mundos” – São Paulo e Rio de Janeiro –, a participação da torcida do SCCP e a concretização da invasão trouxeram dividendos para os que estavam no poder. A presença oportunista de dirigentes políticos de vários níveis tirando proveitos da euforia corintiana, porém, não pode ser apresentada de forma absoluta.

É preciso perceber outras possíveis leituras para os acontecimentos de dezembro de 1976. Mais de que reforçar a dominação política sobre a população brasileira, os invasores corintianos partiram para a subversão da ordem – como gostavam de qualificar os generais de plantão. A alegria da torcida corintiana teve essa força

⁵² Corinthians vence Flu e faz final com Inter. *Jornal do Brasil*, 6 dez 1976.

⁵³ A alegria. *Jornal do Brasil*, Informe JB, 6 dez 1976.





subversiva. Milhões de litros de combustíveis gastos quando o governo apresentava planos de racionamento desses combustíveis: era para afrontar a ordem?

Ou mais do que isso: a subversão do prazer. A rigor, não havia nada de produtivo na invasão corintiana. Além do citado gasto excessivo com combustíveis, a energia gasta não se dirigia para a produção. Aliás, ao contrário: muito deixariam de produzir para acompanhar o Corinthians pelo Rio.

Além disso, há questões que não podem ser verificadas, mas sugeridas. Por exemplo: um grande número de empresas de regiões industriais de São Paulo e do ABC paulista que disponibilizam transporte para os seus funcionários. Atitude do patronato que pode ser lida como mais um mecanismo de controle sobre os trabalhadores. Porém, não deve ser desprezada a sociabilidade construída por estes trabalhadores durante tão firme jornada. Os trabalhadores presenciam uma jornada na qual a participação da torcida do SCCP foi fundamental na conquista do time.

Da mesma forma, há também um ato de forte simbolismo presente nas manifestações de rua. Esta é simplesmente ocupada pelos torcedores do Corinthians e, em vários momentos, entre a saída das caravanas e dos outros torcedores em direção ao Rio, passando pelos torcedores que saem às ruas da cidade de São Paulo – mas também de outras cidades espalhadas pelo Estado de São Paulo, assim como por outros estados brasileiros –, chegando aos numerosos torcedores que param a cidade de São Paulo para receber a delegação do Corinthians na sua chegada, na segunda-feira, depois o jogo contra o Fluminense. São as ruas, enquanto espaço público, voltando a ser ocupadas. Ainda não é a ocupação política desse espaço. E chamamos de ocupação política essencialmente a luta pelo fim da ditadura militar. Ou seja, no decorrer de 1976, o movimento estudantil, reorganizado, volta com manifestações públicas. Nas primeiras, já no ano de 1977, os espaços públicos são lenta e timidamente ocupados.⁵⁴

Talvez os corintianos tenham reocupado o espaço público. No ano seguinte, em 1977, este espaço ganharia a conotação de espaço político. É o início da luta popular no espaço público pela volta do Estado de direito, das liberdades democráticas. A rua voltava a ser palco dos embates políticos. Sem qualquer preocupação com o destino da ditadura militar, cada corintiano fez das ruas seu espaço de prazer e alegria.⁵⁵

⁵⁴ Exemplo disso são as manifestações realizadas dentro da Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo, mas que eram separadas apenas por uma pequena grade da via pública, a avenida Doutor Arnaldo.

⁵⁵ Os corintianos que retiravam suas roupas, que desfilavam com suas bandeiras, que tocavam suas buzinas, que jogavam papéis picados e soltavam fogos de artifícios, que gritavam loucamente pelas ruas da cidade, saciavam-se, embriagavam-se de felicidade. Tudo sempre anárquico.





Esses corinthianos precisavam ser explicados. Aliás, faz parte da história do Corinthians a convocação de especialistas no campo das humanidades para tentar desvendar, pela ciência, ao grande público, o que significa aquela massa de apaixonados e “malucos” torcedores. Assim, para a semana em que os corinthianos participaram de grandes caravanas, essas explicações eram sempre bem-vindas. São sociólogos, psicólogos, cientistas políticos, entre outros intelectuais que são chamados para desvendar esse fenômeno: o Corinthians.

Nesse contexto, destacam-se os apontamentos do sociólogo Sérgio Miceli, pois ainda era regra acusar o futebol de alienador. Na memória da intelectualidade estava presente o uso político que a ditadura militar continuava a fazer do futebol:

A esta altura, o Corinthians é menos um time do que uma militância, menos uma torcida desinteressante do que uma organização embrionária de anseios populares. Seria mesmo ocioso listar as inúmeras expressões com que os Gaviões se dispõem a “acordar a burguesia”. Sabem muito bem que estão embaixo, do lado do alambrado, nas gerais, têm consciência de que a segmentação da própria torcida corinthiana se inscreve num processo de luta interno e externo ao clube, envolvendo cartolas, técnicos, conselheiros.⁵⁶

O cientista político Bolívar Lamounier também faz análises sobre o evento:

Mas lembremo-nos, e lembrem-se sobretudo os eruditos teóricos do futebol como alienação, que a torcida do Corinthians reciou – não importa por quão pouco tempo – uma cidade no lugar desta triste, desta sisuda São Paulo. E ao fazê-lo, renovou uma convocação que alguém já havia feito uma vez este ano: não queiram impor-nos a sisudez, porque a alegria é direito de todos.⁵⁷

Caberiam, ainda, as respostas sensíveis, que captassem uma torcida e uma cidade num momento de alegria extrema. Lourenço Diaféria – já sob o impacto da derrota para o Internacional na final do campeonato, em que o bandeirinha validava um gol duvidoso do adversário – faz um pouco isso:

A grande festa popular tomou conta dos edifícios, das favelas, das praças e das avenidas, sem necessidades de fantasias encomendadas, sem paetês oficiais, sem cobrança de ingresso, e sem a repressão dos cordões de isolamento.

A ordem que necessita ser mantida sob a vigilância dos capacetes não é ordem: é sujeição.
[...]

⁵⁶ MICELI, Sérgio. Os que sabem muito bem que estão embaixo. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 13 dez 1976.

⁵⁷ LAMOUNIER, Bolívar. A comunidade dos estigmatizados. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 13 dez 1976, p. 1.





Plínio Labriola NEGREIROS. A cidade excludente e o clube do povo

Quando meu filho crescer, e se a situação continuar como está – no futebol e fora dele – ele descobrirá com o seu próprio entendimento que o bandeirinha carioca que fez aquilo simplesmente aplicou uma mesquinha regra que há muito tempo vigora neste país: “*in dubio, contra populum*”. Mas nem por isso o povo vai enrolar a bandeira.⁵⁸

Assim, a trajetória do Sport Club Corinthians Paulista – das suas origens num bairro operário e de imigrantes na cidade de São Paulo em 1910, até a grande presença de torcedores na cidade do Rio de Janeiro em meados dos anos 1970 –, guarda uma referência vital: os vínculos com os setores populares, direta ou indiretamente, mesmo porque a cidade de São Paulo fez da desigualdade a sua marca.

Referências bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- HOBSBAWM Eric e RANGER Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FIGUEIREDO, Antônio. *História do foot-ball em São Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1918.
- GONDIM, Nailson. *Corinthians – Paixão do povo*. São Paulo: Global, 1976.
- KFOURI, Juca. *A emoção Corinthians*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição – A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1992.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. A invasão corintiana: Rio, 5 de dezembro de 1976. In: As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. *Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, VIII, 2002, Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.
- PAOLI, Maria Célia. São Paulo operária e suas imagens (1900-1940). *Espaço e Debates* n° 33.
- SANT'ANNA, Leopoldo. *O football em São Paulo: notas crítico-biográficas dos principais jogadores paulistas antigos e modernos*. São Paulo: Typ. Piratininga, 1918.

Recebido: 16/10/2009 – Aprovado: 24/05/2010

⁵⁸ DIAFÉRIA, Lourenço. Vejamos, é nossa bandeira desfraldada. *Folha de S. Paulo*, 14 dez 1976, p. 40.

